



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

PEDRO HENRIQUE ANDRADE DO NASCIMENTO

**A ADAPTAÇÃO DE MATERIAL DE LEITURA PARA PESSOAS NO
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Arapiraca, AL

2025

PEDRO HENRIQUE ANDRADE DO NASCIMENTO

A ADAPTAÇÃO DE MATERIAL DE LEITURA PARA PESSOAS NO TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão, no Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas, *Campus Arapiraca*, para fins avaliativos.

Orientador: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima.

Arapiraca, AL

2025

372.4

N244a

Nascimento, Pedro Henrique Andrade do.

A adaptação de material de leitura para pessoas no transtorno do espectro autista (TEA) / Pedro Henrique Andrade do Nascimento. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 768 KB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso, (Licenciatura em Letras/Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2025.

1. Leitura. 2. Adaptação de material. 3. Transtorno do espectro autista. I. Título.

PEDRO HENRIQUE ANDRADE DO NASCIMENTO

A ADAPTAÇÃO DE MATERIAL DE LEITURA PARA PESSOAS NO TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão, no Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas, *Campus* Arapiraca, para fins avaliativos.

Aprovado em: 28/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Álisson Hudson Veras Lima (Orientador)

Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Prof. Me. Vitor Emmanuell Pinheiro da Silva

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Prof^a. Dra. Divanir Maria de Lima Reis

Instituto Federal de Alagoas - IFAL

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que me deu forças durante todos esses anos de estudos.

A minha família: minha mãe, Simone Vieira, meu pai, Pedro Vieira, e meu irmão, Phelipe Andrade, por sempre estarem me apoiando, independentemente de todos os acontecimentos.

A Letícia Almeida, minha digníssima namorada, por sempre estar me apoiando em meus sonhos e objetivos.

Ao professor orientador, Álisson Lima, por sempre acreditar em mim desde o início de toda a jornada acadêmica.

RESUMO

A leitura é um ato de capacidade individual (Leffa, 1996) que envolve processos cognitivos complexos (Fregonezi, 2002). Em prol de que haja leitura compreensiva (Smith, 1988; Morais, 1996), questões como conhecimentos prévios (Koch, 2013) e informações armazenadas na memória de cada indivíduo (Baddeley, 2017; Izquierdo, 2018) entram em jogo. Em um processo de interação texto/leitor (Siqueira e Zimmer, 2006), o leitor precisa desenvolver habilidades de cunho contextual (Koch, 2013), discursivo (Fiorin, 2015) e linguístico (Chomsky, 1980; Perini, 2017) para que consiga compreender as informações lidas. Pessoas no Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam dificuldades no âmbito da comunicação e da linguagem (Cohen e Volkmer, 1997; Aarons e Gittens, 2002; Volkmer *et al.*, 2014), tendo limitações de algum nível na capacidade linguística (Muñoz, 2012). Por conta disso, é necessário que os materiais de leitura para pessoas com TEA sejam adaptados, não em prol de facilitar a compreensão do texto, mas de facilitar a maneira como as informações são repassadas. Usamos, pois, do método da Leitura Fácil (Muñoz, 2012), por meio de pautas que tratam da ortografia e da gramática do texto para apresentar uma versão adaptada do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco (2018). Percebemos que o método da Leitura Fácil norteia o trabalho de adaptação de material de leitura, de modo que, a depender do texto a ser adaptado, não somente a informação principal pode conter no texto, mas também informações de personagens secundários, de cenários e quaisquer outras informações que ajudem o leitor a desenvolver sua capacidade de leitura. É pensando em processos de adaptação de material de leitura para pessoas com TEA, pautados em métodos que apontam como fazer tal tarefa, que podemos ter uma escola e uma sociedade mais inclusiva (Neto *et al.*, 2018) que conseguimos assegurar os direitos que todos os cidadãos têm por lei (Brasil, 1988).

Palavras-chave: leitura; transtorno do espectro autista; adaptação de material.

ABSTRACT

Reading is an act of individual capacity (Leffa, 1996) that involves complex cognitive processes (Fregonezi, 2002). In order to achieve comprehensive reading (Smith, 1988; Morais, 1996), issues such as prior knowledge (Koch, 2013) and information stored in each individual's memory (Baddeley, 2017; Izquierdo, 2018) come into play. In a text/reader interaction process (Siqueira and Zimmer, 2006), the reader needs to develop contextual (Koch, 2013), discursive (Fiorin, 2015) and linguistic (Chomsky, 1980; Perini, 2017) skills in order to understand the information read. People with Autism Spectrum Disorder (ASD) have difficulties in communication and language (Cohen and Volkmer, 1997; Aarons and Gittens, 2002; Volkmer et al., 2014), with some level of limitations in linguistic capacity (Muñoz, 2012). Because of this, it is necessary that reading materials for people with ASD be adapted, not in order to facilitate the understanding of the text, but to facilitate the way in which the information is passed on. We therefore use the Easy Reading method (Muñoz, 2012), through guidelines that deal with the spelling and grammar of the text to present an adapted version of the book *Irmão Negro*, by Walcyr Carrasco (2018). We have noticed that the Easy Reading method guides the work of adapting reading material, so that, depending on the text to be adapted, not only the main information can be contained in the text, but also information about secondary characters, settings and any other information that helps the reader develop their reading ability. It is by thinking about processes of adapting reading material for people with ASD, based on methods that indicate how to do this task, that we can have a more inclusive school and society (Neto et al., 2018) and that we can ensure the rights that all citizens have by law (Brazil, 1988).

Keywords: reading; autism spectrum disorder; adaptation of material.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Usuários de Leitura Fácil	21
FIGURA 2 - Capa do livro <i>Irmão Negro</i> , de Walcyr Carrasco.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	O que é leitura	10
2.2	Fatores Envolvidos em Tarefas de Leitura Compreensiva	13
2.3	O Autista e a Leitura	15
2.4	O Paradigma Leitura Fácil Como Ferramenta de Adaptação	20
3	METODOLOGIA	25
3.1	Métodos de Abordagem	25
3.2	Métodos de Procedimento	26
3.3	Tipo de Pesquisa	27
3.4	Adaptação em Leitura Fácil do Livro <i>Irmão Negro</i> , de Walcry Carrasco	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Compreendendo a leitura como uma possibilidade do surgimento de muitos textos, torna-se necessário discutir sobre como a leitura pode ocorrer para pessoas que não possuem o desenvolvimento cognitivo pautado dentro do padrão da neurotipicidade, ponto que inclui pessoas que estão no espectro autista.

Para se considerar tal ponto, é preciso pensar que nem todas as pessoas leem do mesmo jeito e que, em alguns casos, é preciso adaptar o texto a ser lido.

O presente trabalho, que tem como foco descrever o método usado para a adaptação de material linguístico para a leitura, considera a leitura como o ato de ler que pode ter significado mais amplo do que comumente propagado, pois para cada ser humano a percepção de leitura pode ser diferente daquilo que foi lido.

Consideramos, assim, o meio social, o meio que cerca o sujeito-leitor, visto que cada um de nós vive em um contexto social diferente, o que nos faz entender que nossa leitura de textos quaisquer pode gerar um sentido ou forma de imaginar diferente de outras pessoas.

O texto não possui um conteúdo, mas reflete-o, como um espelho. Um mesmo texto pode refletir vários conteúdos, como vários textos podem também refletir um só conteúdo (Leffa, 1996)

É por esse caminho que compartilhamos da ideia de que o ato de ler é reconhecer o mundo através de espelhos, já que o mesmo oferece imagens fragmentadas do mundo e a verdadeira leitura só é possível quando se tem conhecimento prévio desse mundo.

Este trabalho tem como objetivo, com base no método Leitura Fácil (Munõz, 2012) mostrar como é possível fazer a adaptação de material linguístico de textos para a leitura a ser feita por pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tal, examinamos não apenas como as obras literárias são modificadas, considerando também como essas adaptações podem influenciar a experiência de leitura e a aprendizagem desses leitores específicos.

Compreendendo a variedade de necessidades e preferências de pessoas com TEA, visamos contribuir com a discussão acerca de abordagens inclusivas e eficazes que possam ser aplicadas na criação de adaptações literárias, sobretudo de livros paradidáticos nas escolas brasileiras.

O método Leitura Fácil é uma ferramenta criada com a finalidade ajudar na compreensão de leitura, principalmente para atrair pessoas que não têm hábito de leitura ou apresentam quaisquer limitações que as levem a uma leitura compreensiva do texto.

Este método surge como uma ferramenta a mais na busca de auxiliar na solução de facilitação de acesso às informações, já que perante a lei todos nós temos direitos iguais independentemente de nossas capacidades (UNESCO, 2008).

O método, além de ajudar a ler e compreender, pode fazer com que as pessoas sintam-se mais acolhidas, levando-as a vivenciar mais de perto não só a leitura de livros didáticos ou paradidáticos, mas também outras esferas de vivência que são veiculadas via textos escritos, como questões de cunho cultural, jornais, exames médicos e tantos outros textos diários, visto que vivemos em uma sociedade onde a maioria das informações são feitas por leituras.

Neste trabalho, descrevemos nossa tarefa de adaptar o livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco, pela necessidade de aplicação no ensino, dentro de uma turma na qual vivenciamos o ato professoral com um jovem autista que não demonstrava interesse pela leitura. A sua inquietude apontava para a hiperestimulação gerada pela quantidade de texto, sem nenhum tipo de apoio visual.

A partir de então, aprofundando-nos mais na questão do Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi possível saber que o autismo é um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta as relações pessoais, a comunicação e a linguagem, além da rigidez mental e comportamental.

Então, por meio da discussão empreendida em nossa pesquisa, mas, também, por meio da exemplificação prática das transformações do texto, nosso trabalho não apenas pretende contribuir para o entendimento do papel da leitura adaptada na vida de indivíduos autistas, mas propor *insights* fáceis para educadores, familiares e profissionais que buscam enriquecer o acesso desses leitores ao vasto universo da literatura.

Ao focalizar a adaptação de leitura para autistas, este trabalho almeja promover ações que não apenas considerem, mas celebrem as singularidades desse público, proporcionando oportunidades enriquecedoras para o desenvolvimento educacional, emocional e sua vida cotidiana.

Para melhor guiar nosso leitor, advertimos que este trabalho está estruturado em quatro capítulos, sendo este inicialmente dedicado à introdução. O segundo

capítulo aborda a base teórica que orientou nossa pesquisa, enquanto o terceiro apresenta a metodologia utilizada, incluindo a adaptação da leitura proposta. As considerações finais são traçadas no quarto e último capítulo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, exploramos a fundamentação teórica que orienta nossa pesquisa, percorrendo desde os conceitos fundamentais do processo de leitura e os mecanismos envolvidos no processo de compreensão da leitura, perpassando por uma explanação sobre como pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) lidam com a leitura de textos para, finalmente, tratarmos sobre uma ferramenta de adaptação de material para leitura.

2.1 O que é leitura

A leitura é um processo de construção de sentido sobre tudo aquilo que lemos, e esse processo do compreender o que está lendo, vai depender de fatores, bem como o cultural, meio em que vivemos, pois, cada leitor vai atribuir um significado diferente com a mesma leitura, visto que cada ser humano vive em um contexto social de variadas formas de pensar, entender e agir. “Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem conhecimento prévio desse mundo” (Leffa, 1996, p. 10) A extração de um significado de um texto é passada de uma maneira mais lenta e processual onde é necessária uma leitura mais aprofundada, como por exemplo: se uma palavra não for habitual no vocabulário do leitor, é importante que seja feita busca do significado dela para que tenha uma melhor interpretação sobre a mesma. Além da necessidade de fazer uma análise densa sobre a leitura que está sendo realizada.

Já para atribuir um significado ao texto, diferentemente de extrair não é necessário que o leitor tenha uma leitura densa ou complexa. Cada palavra que seja considerada difícil para ele mesmo, pode ser entendida no final da frase, assim como o significado do texto pode ser compreendido ao final da leitura.

A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento que possui do mundo” (Leffa, 1996, p. 14)

A leitura é um processo complexo de aprendizado (Fregonezi, 2002), pois

passa por vários fatores para que se chegue a compreensão ou definição, para o leitor.

É necessário haja interação entre o leitor e o texto (Siqueira e Zimmer, 2006), sendo ativados requisitos cognitivos como conhecimento prévio de mundo (Koch, 2013), que devem ser retomados ao nível da memória (Izquierdo, 2018)

Por esse sentido, compreendemos que “na leitura, como na química, para termos uma reação é necessária levar em conta não só os elementos envolvidos, mas também as condições necessárias para que a reação ocorra” (Leffa, 1996, p. 17)

Acreditamos que todo indivíduo precisa construir seus conhecimentos prévios, pois até mesmo uma criança não nasce como uma tabula rasa (Alliende e Condemarín, 2005)

Desta forma, compreendemos que o indivíduo leitor passa por processos de reformulação cognitiva para chegar à leitura compreensiva, sendo os processos básicos denominados de *acomodação* e de *assimilação* (Piaget, 1977)

A *acomodação* tem um sentido orgânico e, por isso, tende a ser um processo mais difícil. Imagine um indivíduo em qualquer idade, em processo de aprendizagem de leitura e que precisa decorar os formatos das letras.

Em tal processo, é comum haver dúvida entre as chamadas letras espelhadas (Kato, 2010), como o *p* e *b* ou o *d* e *b*, sendo, pois, necessário que a pessoa reconheça tais letras em quaisquer contextos, sob a pena de compreender de maneira errônea o que estiver escrito.

A pessoa precisa, pois, aprender o formato gráfico de cada letra, com os detalhes que as diferenciam entre si como a direção para o qual o traço sobe ou desce (a diferença entre *p* e *b* é a posição do traço da letra que, em *p*, é para baixo e, em *b*, é para cima) ou se a parte semicircular está para a direita ou para a esquerda (na letra *d* o semicírculo está para a esquerda, enquanto na letra *b* está para a direita, com ambas tendo o traço para cima).

Nesse processo que é de fora para dentro, as sinapses mentais precisam ser reorganizadas em prol de aprendizagem da informação, o que, por si só, é um árduo trabalho psicológico (Eyesenck e Keane, 2017)

Já a *assimilação* tende a ser um processo mais fácil, visto que o indivíduo não vai reorganizar a informação no nível mental, em construção de aprendizado, mas reconhecer padrões distintos daquilo que já foi aprendido. É isso que faz com que,

uma vez aprendidas as letras *p* e *b* e *d* e *b*, o leitor consiga reconhecê-las, independente do formato da fonte utilizada na escrita do texto.

Vemos, portanto, que os processos de constituição do ato de ler requerem muito do indivíduo em processo de aprendizagem de leitura no nível do reconhecimento gráfico. Além de tal reconhecimento, é indispensável reconhecer que, na compreensão do texto, outros mecanismos estão envolvidos e que, acima de tudo, devemos considerar que a leitura requer adaptabilidade do leitor, pois os rumos do texto podem mudar a cada frase ou parágrafo.

Segundo Bartlett (1995), a variedade de interpretações reflete a variedade de experiências subjetivas.

Nossa mente faz vários tipos de esquemas que resultam nas diversas formas de interpretações que podemos ter de um texto. Estes esquemas resultam dos conhecimentos de mundo que o leitor tem e que são assimilados durante a atividade de leitura.

Essa possibilidade de esquemas para assimilação da informação, permeada pela subjetividade é que leva cada leitor a uma interpretação diferente, pois o conhecimento de mundo entre um e outro é diferente, e, portanto, as ideias não são necessariamente iguais entre sujeitos. É por esse tipo de entendimento que reconhecemos a possibilidade de que:

Ao ler um romance de tamanho médio, com cerca de 200.000 palavras, o leitor, ao reproduzir a história, não vai reproduzir as 200.000 palavras que leu, mas contará o romance com suas próprias palavras, partindo de seus próprios esquemas (Leffa, 1996, p. 43)

Vemos, portanto, que, na base da aquisição da leitura, existem processos cognitivos que devem ser maturados mentalmente pelo indivíduo que é um leitor em potencial, tal qual a acomodação e a assimilação, defendendo que leitura é o ato de gerar compreensão ao texto lido. Torna-se, pois, necessário, discutirmos sobre os mecanismos que estão envolvidos no processo de compreensão leitora.

2.2 Fatores Envolvido em Tarefas de Leitura Compreensiva

A leitura ocorre quando há compreensão do que é lido, a ponto de não somente o leitor armazenar as informações na mente, mas, também, de saber discutir sobre o que foi lido (Morais, 1996)

Entretanto, o que é compreendido e armazenado na mente do leitor é variável, sendo resultado da interação leitor-texto, o que explica as distintas opiniões de leitores sobre um mesmo texto lido.

Devemos considerar que cada leitor possui conhecimento de mundo diferente do outro (Koch, 2013), então a construção de sentido de um texto escrito vai variar de acordo com a capacidade individual e as conexões entre pensamento e memória que o sujeito conseguir correlacionar (Eyesenck e Keane, 2017)

Fato é que o autor de um texto nem sempre tem como foco a figura do leitor comum, pois, a depender do contexto de circulação de seu texto, a escrita tende a variar. O autor pode, por exemplo, escrever um artigo e esperar que os cientistas da mesma área sejam capazes de compreendê-lo e discuti-lo. Aqui, então, reside um problema que desemboca na capacidade de discussão que pode afetar crianças e o grande público, em alguns casos, fazendo com que determinadas informações deixem de chegar ao conhecimento da população em geral.

Às vezes, é útil conhecer os códigos específicos que o autor manipulou para compreender os elementos que aparecem em seus escritos, A menção, por exemplo, de uma videira, às vezes só pode ser entendida se se levar em conta que o autor está usando um código bíblico" (Smith, 1988, p. 124)

Para que possamos compreender um texto, precisamos analisar diversos fatores, desde contextuais-discursivos a linguísticos e o domínio do código no qual o texto foi escrito (Koch, 2013; Fiorin, 2015)

Além destes fatores, devemos considerar o conhecimento cultural do autor do texto e até mesmo as circunstâncias da escrita. Outros fatores de cunho visográfico também entra em questão quando em atividade de leitura, pois a cor do papel que serve de suporte para o texto, se impresso em suporte físico ou digital, a luminosidade de uma tela ou a cor e a textura do papel, bem como os comprimentos das linhas e o tipo de fonte utilizada na escrita também tem influência sobre como o leitor interage com o texto.

Consideremos todos estes fatores cognitivos e físico-visuais como parte inerente à tarefa de leitura e que tem algum tipo de influência ou de interferência no processo da construção de sentido, pois um texto que se apresente com dificuldade visual de leitura pode tornar o texto irreconhecível ou fazer com que o leitor não consiga compreender determinadas palavras e ou sentenças do texto.

Devemos, ainda, esperar que para a compreensão total de um texto, o leitor seja capaz de compreendê-lo de forma fácil, visto que dependemos do léxico para que isso possa acontecer, pois “quando o leitor enfrenta um conteúdo pouco conhecido ou quando o autor utiliza um vocabulário pouco comum, o léxico converte-se num importante fator da compreensão” (Smith, 1988, p. 127)

Considerando a parte estrutural do texto, existem elementos que são considerados para a efetiva compreensão textual, sendo eles da ordem das micro e macroestruturas.

Por microestruturas, entendemos os elementos que compõem a parte linguística do texto, tais como letras, palavras, sentenças e a estruturação dos parágrafos. Vemos, assim, que a microestrutura aponta para a própria construção textual, com o uso do código do autor e as especificidades de cada língua, ou seja, trata do funcionamento interno do texto (Snowling, Hulme e Nation, 2022)

Já a macroestrutura aponta para elementos globais que interagem com o texto e sua parte linguística, tais como o contexto de circulação do texto, as intenções expressas pelo autor e quaisquer elementos intertextuais que possam desembocar na significação do texto. Assim, a macroestrutura aponta para fatores externos que agem no texto, emergindo a partir de como o autor comunica o texto (Snowling, Hulme e Nation, 2022)

Outro fator que interfere na compreensão de um texto é o conteúdo informado, já que é a partir do assunto que o leitor pode ter seu interesse em lê-lo despertado ou ter recusa ao texto (Siqueira e Zimmer, 2006). Isto ocorre porque se o leitor se identifica com a ideia do texto, mais facilidade e mais vontade de lê-lo terá, além de querer aprimorar ou agregar o seu conhecimento já existente sobre o mesmo assunto.

Vemos, portanto, que ao defendermos uma concepção de leitura como o ato de gerar construção de sentido, isto é, fazer a leitura compreensiva, muitas questões de cunho cognitivo e físico-visual estão envolvidas.

Se levarmos em consideração as pesquisas que nos levaram a ter

conhecimento destes fatores foram desenvolvidas considerando características de pessoas neurotípicas, isto é, de pessoas que não apresentam transtornos neurocognitivos que afetam atividades de leitura, fica a questão: como ocorre a leitura por uma pessoa com transtorno de neurodesenvolvimento?

2.3 O Autista e a Leitura

O ato de ler envolve mecanismos que são de ordem cognitiva e físico-visual que nem todas as pessoas desenvolvem de maneira homogênea.

Na área da Psicologia, surgem, portanto, conceitos de pessoas neurotípicas e de pessoas não neurotípicas, sendo as primeiras as pessoas que durante seu desenvolvimento físico-mental não apresentam características que interfiram no funcionamento de suas atividades diárias. Já as segundas, as pessoas não neurotípicas, apresentam, ao longo da vida, geralmente desde a primeira infância, características que apontam para problemas do neurodesenvolvimento que tendem a, em alguma ordem, influenciar na vida diária destas pessoas (Piletti, Rossato e Rossato, 2024)

Para o exercício da leitura, processos cognitivos de ordem linguísticas precisam ser maturadas na mente do indivíduo, a saber: (1) conseguir estabelecer a aquisição fonológica, (2) ter capacidade de ler sílabas simples e, posteriormente, sílabas complexas, (3) estabelecer conexões mentais entre a palavra lida e um conceito correspondente no léxico mental, (4) com a prática de leitura, aprender a processar frases longas e questões sintáticas complexas e (5) compreender as figuras de linguagem (Cohen e Volkmar, 1997)

Como vemos, o leitor neurotípico passa pelos cinco processos de maturação da língua em um processo quase natural por conta do meio no qual está inserido e, com o tempo, por sua vivência no seio escolar.

E, assim, entendemos que cada indivíduo deve possuir competências específicas para atingir a leitura compreensiva, o sujeito desenvolve três competências, a saber: competência linguística, competência cognitiva e competência comunicativa (Cohen e Volkmar, 1997)

A competência linguística diz respeito ao conhecimento acerca de um sistema linguístico que o sujeito precisa adquirir ainda na primeira infância.

O processo de aquisição da linguagem se deve à predisposição biológica dos seres humanos para adquirirem e estabilizarem a gramática da língua usada no seu entorno (Chomsky, 1980). Com o passar do tempo, por processos de maturação cerebral, estabilização e convívio com a língua, junto a capacidades de compreensão adquiridos no seio escolar, o indivíduo se torna capaz de identificar estruturas textuais e discursivas.

A competência cognitiva está relacionada com a capacidade de o sujeito integrar esquemas de conhecimento para compreender a linguagem.

É a partir desta competência que os usuários da língua são capazes de manifestar seus conhecimentos prévios, quando em tarefa de leitura de texto, bem como recuperar informações na memória. (Baddeley, 2017)

Já a competência comunicativa leva-nos a compreender a situação contextual e as intenções comunicativas do autor.

É por meio desta competência que o indivíduo é capaz de correlacionar o texto com o contexto social e cultural no qual o texto foi produzido e está inserido, supondo, de forma antecipada, os significados pretendidos pelo autor da mensagem.

O ponto importante, neste trabalho, é percebemos que todos os processos descritos acima como as competências que acabamos de apresentar são pré-requisitos para o desenvolvimento da habilidade de leitura e compreensão de textos. Caso o sujeito tenha limitações em qualquer uma das competências acima, a transmissão da mensagem escrita fica comprometida e a leitura compreensiva pode não ser concretizada da maneira esperada.

Desenvolver a capacidade leitora envolve questões fisiocognitivas que estão para além da simples vontade de aprender a ler. Esta é uma atividade complexa e que envolve, ainda, processos de ordem cognitiva como a percepção e a conexão de ordem lexical, semântica e sintática (Aarons e Gittens, 2002)

O processo cognitivo da percepção, no que tange a atividade de leitura, tem a ver com a capacidade de ver as letras dispostas no texto e conseguir acompanhar a fluidez do texto na língua usada. Em Português, por exemplo, o sujeito precisa ver a letra, enviar o estímulo para o cérebro de que se trata de uma única letra, uma única palavra ou uma linha inteira a ser lida, da esquerda para a direita.

Ainda no que diz respeito ao processo perceptivo, o sujeito deve ser capaz de fazer, com os olhos, os chamados movimentos de fixação ou sacádicos, sendo os

primeiros a capacidade de fixar os olhos em determinada região do texto e os segundos são os movimentos de idas e vindas no texto, com saltos entre palavras e conseguindo visualizar, por visão periférica, as palavras ao redor (Rayner, 1997)

O processo lexical nos leva a rastrear se as palavras lidas possuem correlação fonética, ou seja, se um som reconhecível em nossa mente corresponde ao que está graficamente posto e, assim, atribuímos sentido ao texto.

Se tivermos um texto como em (1), espera-se que, por conta do armazenamento lexical, o sujeito perceba o sentido da sentença, mesmo havendo substituição das vogais por números e, assim, construa significado ao texto.

(1) 3l3 t3m c4p4c1d4d3 d3 c0rr3l4c10n4r núm3r0s c0m0 l3tr4s.

Já o processo sintático faz com que, durante atividades de leitura, consigamos relacionar as palavras entre si, de modo a atribuímos sentido ao que é lido, pois nem sempre as sentenças podem estar claras, como no caso de (2).

(2) Matou o leão o caçador.

Em (2), a mudança na ordem sintática faz o leitor se questionar *sobre quem matou quem*, se foi o *leão que matou o caçador* ou o inverso, se o *caçador matou o leão*, pois, além de a ordem ter sido alterada, no exemplo em questão, o problema sintático seria resolvido com um objeto direto preposicionado, recurso que não foi utilizado e gerador da ambiguidade sintática (Perini, 2017)

Já o processo semântico nos permite obter o significado do texto e colocá-lo em relação aos demais conhecimentos já adquiridos pelo leitor, como, por exemplo, ser capazes de compreender as figuras de linguagem.

Portanto, se conseguimos vislumbrar o quanto de processos cognitivos estão envolvidos em uma atividade de leitura, a fim de atingir a compreensão do texto, devemos considerar que uma pessoa com deficiência intelectual (Muñoz, 2012) pode experimentar sensações diversas durante a leitura de um texto, diferindo do que é vivenciado por pessoas neurotípicas.

A diferença na capacidade de leitura é reflexo das capacidades individuais de

se atribuir sentido ao que é lido.

A tarefa que cada pessoa envolvida no processo de aquisição da leitura reside em identificar qualquer tipo de alteração ou limitação dos aprendizes em qualquer um dos pontos discutidos acima. As limitações podem apontar para distúrbios cognitivos, para as competências necessárias para a leitura ou para os processos envolvidos na capacidade de atribuir sentido ao texto. É a partir de tal identificação que podemos planejar qualquer tipo de intervenção, seja de ordem clínica ou pedagógica (Volkmar *et al.*, 2014)

Segundo a Associação Americana de Transtornos Intelectuais e do Desenvolvimento, o transtorno intelectual é caracterizado por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual como no comportamento adaptativo, afetando a funcionalidade do sujeito em suas tarefas diárias.

A Associação estabelece que o funcionamento intelectual ou cognição diz respeito à capacidade mental, envolvendo processos como a aprendizagem, o raciocínio, a resolução de problemas, a tomada de decisão e outros tipos de processos de ordem cognitiva.

Os comportamentos adaptativos, por sua vez, são de três tipos: (a) habilidades conceituais, tais como linguagem e alfabetização, conceitualização e uso de dinheiro, organização mental do tempo e uso dos números e noções de direcionamento espacial; (b) habilidades sociais como socialização, autoestima, ingenuidade, resolução de problemas sociais, capacidade de obedecer normas sociais, obedecer leis e ser tratado injustamente; e, (c) habilidades práticas como cuidados pessoais, cuidados com a saúde, uso de transporte, rotinas e horários e uso de dinheiro e de aparelhos eletrônicos como telefones celulares, para estabelecer comunicação social.

Tais questões implicam que uma pessoa com deficiência intelectual, o que inclui as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, tendem a ter alterações cognitivas e linguísticas, o que implica, diretamente, na capacidade de compreender textos escritos e atribuir significados ao que é lido.

Considerando que o grau de autismo é variável (American Psychiatric Association, 2014), às capacidades de cada indivíduo são pessoais e, por conta disso, estabelecer padrões se torna uma tarefa impossível.

Sabemos, entretanto, que a capacidade de leitura não está relacionada

diretamente com o quociente intelectual, mas, sim, a fatores neurológicos e físicos, o que implica em capacidades diferentes. Isto explica o motivo de haver pessoas com TEA que apresentam grau moderado de capacidade de leitura, enquanto outras tornam-se não-verbais ao longo de toda a vida.

O Transtorno do Espectro Autista é classificado pela Associação Americana de Psiquiatria (2014) como um transtorno generalizado do desenvolvimento e que é descrito como um transtorno que se desenvolve na infância e que afeta as relações pessoais.

As dificuldades enfrentadas por indivíduos com TEA dizem respeito a problemas relacionados à linguagem e à comunicação, bem como padrões de rigidez mental e de comportamentos.

Deve-se entender que o autismo não é uma doença, mas um transtorno mental que tem impacto direto no desenvolvimento de uma vida autônoma.

Com relação à linguagem, sabemos que autistas podem ser verbais ou não-verbais, mas que, quando estão no primeiro grupo, isto é, das pessoas que desenvolvem o uso da linguagem verbal, a qualidade do uso é afetada em algum nível.

A qualidade do uso da linguagem não tende a ser compensada pelo uso de outras estratégias como o uso de mímicas ou gestos, sendo marcada, geralmente, por linguagem estereotipada e repetitiva, com tendência ao uso literal da linguagem, sem compreensão de figuras de linguagem.

Outras questões secundárias também permeiam o uso da linguagem por indivíduos com TEA, como mal uso dos pronomes pessoais, falta de autocorreção no uso linguístico, anomalias prosódicas e pragmáticas, linguagem limitada e sem intenções comunicativas, atraso na fala e síndromes fonológico-sintáticas, léxico-semânticas e semântico-pragmáticas.

Desta forma, é natural presumirmos que para um indivíduo com TEA desenvolver a capacidade de leitura compreensiva seja necessária a adaptação de material de leitura.

Cientes de tal necessidade, apresentamos, a seguir, uma proposta de método de adaptação de material linguístico para leitura.

2.4 O Paradigma Leitura Fácil Como Ferramenta de Adaptação

A leitura fácil surge como uma ferramenta para ajudar não somente as pessoas com deficiência intelectual, mas também aquelas que possuem algumas dificuldades de compreensão, seja ela uma pessoa com a idade mais avançada, imigrantes entre outros (Muñoz, 2012)

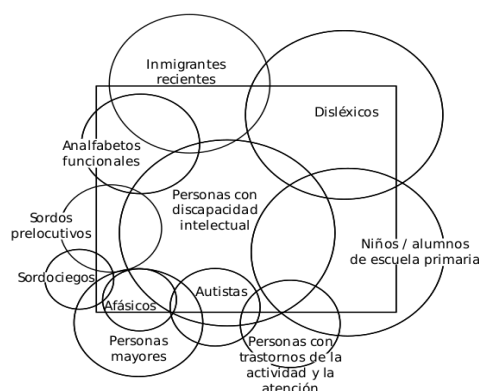
A capacidade humana de decifrar a leitura é competência linguística, cognitiva e comunicativa e a dificuldade que qualquer pessoa tenha sobre alguma dessas pode complicar a interpretação. Segundo Muñoz.

(...) cabe destacar que não está demonstrando que uma pessoa com deficiência intelectual vivencie diferentes processos diante da leitura de um texto. A diferença estará nas possibilidades individuais de ativação de cada processo. A identificação de uma alteração ou limitação dos processos permitirá planejar uma intervenção (Muñoz 2012, p.21)

Visto que o autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta relações pessoais, a comunicação e a linguagem, além da rigidez mental, é necessário que sejam adaptados materiais de leitura para este público. Torna-se, pois, imprescindível, que textos sejam reelaborados com o uso, por exemplo, com a utilização de uma linguagem simples para que possa facilitar na compreensão dos textos em geral.

Devemos, contudo, pensar que a ferramenta da “Leitura fácil é uma abordagem geral de acessibilidade à informação e compreensão de mensagens descritas para pessoas com diversidades intelectuais e de aprendizagem” (Muñoz, 2012, p. 22), não se tratando de um método de tradução intralinguística.

O método é aplicado a quaisquer pessoas que tenham dificuldades em ler, incluindo pessoas com deficiência intelectual, já que o intelectual se refere a capacidade mental, seja ele habilidades conceituais, sociais ou práticas. Desta forma, podemos imaginar que o método da Leitura Fácil pode atingir os mais diversos públicos, tal conforme podemos visualizar na Figura 1.

FIGURA 1 - Usuários de Leitura Fácil

Fonte: Muñoz (2012, p.46)

Além de pessoas com dificuldades no desenvolvimento da linguagem, pessoas com baixo nível de alfabetização e grupos imigrantes que tentam se adequar onde mora.

Segundo Muñoz (2012), faz-se necessário incluir o grupo de cuidadores, formadores e educadores de pessoas com deficiência intelectual, transtornos mentais e comportamentais no grupo de pessoas que podem utilizar a ferramenta da Leitura Fácil para adaptar os textos a serem lidos por quaisquer pessoas do grupo de usuários do método.

O método leitura fácil é uma ferramenta para ajudar na compreensão de leitura, principalmente para atrair aquelas pessoas que não têm o costume ou hábito de ler, vai surgir como uma solução de facilitar o acesso às informações, já que perante a lei todos nós temos direitos iguais, independentemente de suas capacidades (Muñoz, 2012)

O método da leitura fácil, além de ajudar a ler/compreender pode fazer com que as pessoas sintam-se mais acolhidas, vivenciando de perto não só a leitura em si, mas também a cultura do local inserido, já que nossa sociedade está sempre usando a comunicação através de textos, seja livro, jornais, exames, panfletos, dentre tantos outros textos diários.

Estamos tão habituados aos processos de leitura e interpretação de textos, presos às rotinas de como lemos e interpretamos diversos tipos de leituras, que muitas vezes não percebemos que nem todos têm condições físico-cognitivas de

desfrutar desses processos completamente.

Muitas vezes não nos damos conta de que, mesmo entre pessoas alfabetizadas, podem existir aqueles que enfrentam dificuldades ou problemas de leitura, que podem ser de natureza cognitiva ou até mesmo relacionados a condições físicas ou patológicas.

Para aqueles que enfrentam qualquer tipo de desafio na compreensão de textos, podemos utilizar o método da Leitura Fácil como opção para dar o mesmo texto, isto é, as informações necessárias existentes no texto de maneira mais simples, com foco no conteúdo informativo.

A Leitura Fácil é uma ferramenta teórica e conceitual que atua como uma ponte, ajudando os usuários do grupo (*vide* Figura 1) a superarem suas dificuldades nos processos de leitura e interpretação, permitindo-lhes acessar textos que anteriormente podiam parecer difíceis de entender.

O objetivo de uso do método da Leitura Fácil é criar e adaptar textos que sejam claros e de fácil entendimento, adequados para pessoas de todas as idades.

Essa ferramenta pretende ser uma solução para facilitar o acesso à informação, à cultura e à literatura, pois é um direito fundamental das pessoas, que são iguais em direitos, independentemente de suas capacidades. Não só é um direito, mas permite que o exercício de outros, como a participação, tenha a opção de influenciar decisões que possam ser importantes para suas vidas, bem como a possibilidade de desenvolvimento autônomo de qualquer pessoa em um ambiente como o atual, que produz a maior quantidade de texto da história, tanto no suporte físico quanto no digital (Muñoz, 2012, p. 21)

O método da Leitura Fácil prevê três níveis de adaptação.

Segundo Muñoz (2012), o Nível 1 é o mais simples com uma baixa complexidade sintática e linguística, com apoio gráfico feito pelo uso de bastantes ilustrações. A adaptação em Nível 1 deve ter entre 500 (quinhentas) e 1.200 (um mil e duzentas) palavras lexicais de alta frequência na língua-alvo, podendo ter até 10% do léxico de frequência baixa ou moderada.

Em questões gramaticais, de modo geral, deve ser mantida a ordem sintática *sujeito - verbo - complementos*, evitando estruturas sintáticas complexas como as orações subordinadas. Além disso, a média da estrutura frasal não deve ultrapassar 15 (quinze) palavras.

No nível 2, a adaptação deve ter entre 1.200 (um mil e duzentas) e 2.000

(duas mil) palavras lexicais diferentes de frequência de uso alto e comum na língua-alvo, podendo ter até 10% do léxico de frequência baixa ou moderada. Começam a aparecer as orações subordinadas, no Nível 2 e a estrutura frasal não deve ultrapassar 20 (vinte) palavras. (Muñoz, 2012)

No Nível 3, o último nível de adaptação em Leitura Fácil, o texto deve conter entre 2.000 (duas mil) e 3.000 (três mil) palavras de frequência de uso alto, médio e moderado na língua-alvo, podendo conter 10% do léxico com palavras de uso pouco comum.

Neste nível, a adaptação já busca ser o mais próximo possível do texto original, sendo papel do adaptador organizar questões sintáticas de maior complexidade. A média de tamanho da estrutura frasal ultrapassa 20 (vinte) palavras.

A fim de nortear o material que pode ser adaptado para leitura de pessoas com deficiência intelectual (Muñoz, 2012) são indicadas três pautas: (a) Ortografia, (b) Imagens e (c) Diagramação. Como esse trabalho é focado no âmbito linguístico, tratamos sobre as pautas ortográficas e gramaticais.

Sobre a ortografia, encontramos algumas orientações que devem ser seguidas para evitar alguns sinais que possam dificultar a compreensão de textos. Segundo Muñoz (2012), os sinais de pontuação ajudaram a ordenar, hierarquizar ou até mesmo descartar ideias.

Descrevemos, a seguir, as pautas de Ortografia, segundo Muñoz (2012):

- Não se deve modificar nenhuma regra ortográfica vigente da língua-alvo;
- Deve-se evitar o uso de letras maiúsculas, sendo restritas aos casos regulamentados pela gramática da língua;
- Os sinais de pontuação que devem ocorrer no texto são os pontos finais, as vírgulas, os dois pontos (para introduzir falas de personagens em todos os níveis) ou para completar ideias das frases (no Nível 3). Pontuação feita por sinais de pontuação menos comum, como o uso de parênteses, colchetes, barras e quaisquer outras formas de pontuação, devem ser evitadas;
- Os numerais que aparecem nos textos adaptados devem ser os números arábicos, evitando-se, sobretudo, a ocorrência de números romanos;
- As quantidades que aparecem nos textos devem ser arredondadas para os

números inteiros mais próximos;

- As datas devem ser escritas por extenso, com as informações completas;
- Porcentagem devem ser evitadas;

Já as pautas de Gramática, de acordo com Muñoz (2012) apontam para:

- Cumprimento integral das normas gramaticais da língua-alvo;
- Os verbos devem ser usados, preferencialmente, no presente do indicativo, evitando-se tempos e modos verbais complexos;
- Deve-se evitar o uso da voz verbal passiva;
- Os sujeitos das sentenças devem ser: no Nível 1, repetidos pela palavra que aparece na primeira referência ao sujeito; no Nível 2, ter o sujeito introduzido, sendo posteriormente retomada por pronomes; e, no Nível 3, proporcionar o aparecimento de sujeito oculto;
- A estrutura frasal deve ser na ordem direta, isto é, *sujeito - verbo - complementos*;
- As estruturas negativas devem ser evitadas, sempre que possível;
- Orações sintaticamente complexas como orações impessoais, voz passiva reflexiva e orações subordinadas reduzidas devem ser evitadas.

Produzir um texto acessível que motive a leitura é essencial para qualquer leitor, pois o sentido é construído de modo subjetivo e nem todas as pessoas têm capacidade cognitiva idêntica.

O método de adaptação de material para leitura em Leitura Fácil (Muñoz, 2012) aponta caminhos para que sejam selecionadas as ideias principais a serem transmitidas em um texto, o que é a informação imprescindível a qualquer sujeito no meio social no qual a informação a ser lida é propagada.

Por entendermos que pessoas que se encontram no Transtorno do Espectro Autista possuem limitações na ordem da linguagem e da comunicação (Aarons e Gittens, 2002), propusemo-nos a aplicar as pautas de Ortografia e de Gramática, na busca de adaptação do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco.

Desta forma, esperamos não somente colaborar para a discussão sobre material adaptado no Brasil, mas também legar aos nossos discentes que se encontram no TEA o direito assegurado de acesso à informação (Brasil, 1988) e a

uma vivência escolar mais inclusiva (Neto *et al.*, 2018)

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os métodos usados para conseguirmos alcançar nosso objetivo, a saber, fazer adaptações necessárias de um texto, para que o mesmo esteja no paradigma da leitura fácil. Dito isso, falamos sobre os métodos de abordagem usados nas mais diversas ciências, sobre os métodos de procedimento e sobre os tipos de pesquisa, apontando em qual tipo se encaixa nosso trabalho.

3.1 Métodos de Abordagem

Baseando-nos nas descrições dos métodos de investigação conforme delineado por Gil (2008), e considerando o propósito deste estudo, identificamos esta pesquisa como de natureza indutiva. Isso se deve ao ponto de partida do estudo: as demandas particulares enfrentadas por indivíduos com deficiências intelectuais - autismo - a partir das quais buscamos elaborar adequação desse material.

Podemos categorizar dentro dos métodos de abordagem as seguintes técnicas: (i) dedutivo - um método que parte de premissas consideradas verdadeiras e incontestáveis e que leva a conclusões puramente da lógica, (ii) indutivo - uma abordagem que começa com um evento ou fato particular e, após um processo de coleta de dados, possibilita a formulação de generalizações, (iii) hipotético-dedutivo - um método em que o pesquisador observa um fenômeno, formula hipóteses baseadas em intuição científica, examina e analisa princípios que regem o objeto de estudo e deduzir conclusões por meio de experimentação, o que pode levar à refutação e substituição dos princípios, caracterizando-se pela sua natureza experimental, (iv) dialético - um método que permite alcançar uma compreensão da realidade fundamentada nos conceitos de contradição, mudança de quantidade para qualidade e superação de contraposições, e (v) fenomenológico - uma abordagem que visa capturar os significados que os sujeitos atribuem ao objeto de estudo, sendo por isso uma pesquisa de caráter qualitativo e não estruturado.

Segundo Gil (2008), os métodos de abordagem na pesquisa científica buscam definir os processos lógicos que são necessários ao longo do estudo científico dos fenômenos naturais e sociais.

3.2 Métodos de Procedimento

Os métodos de procedimento em pesquisa científica visam equipar o pesquisador com ferramentas técnicas essenciais para assegurar a objetividade e a exatidão no estudo dos fenômenos sociais. Estes métodos são projetados para guiar eficientemente a realização de pesquisas sociais, especialmente no que tange à coleta, análise e validação de dados relevantes ao tema em investigação, conforme descrito por Gil (2008, p. 15). Entre os métodos de procedimento frequentemente utilizados nas ciências sociais, Gil (2008) salienta os seguintes: Experimental - Método em que o objeto de estudo é exposto a determinadas variáveis controladas para que o pesquisador possa observar os efeitos dessas variáveis sobre o objeto. Observacional - Método pelo qual o pesquisador limita-se a observar eventos que ocorrem ou já ocorreram, sem intervenção. Comparativo - Método em que o pesquisador examina indivíduos, grupos, fenômenos ou eventos para destacar suas diferenças e semelhanças. Estatístico - Método baseado na teoria da probabilidade que permite ao investigador interpretar os dados coletados, não como verdades absolutas, mas com uma alta probabilidade de acurácia. Clínico - Método que depende de uma interação intensa entre pesquisador e pesquisado, permitindo um estudo mais aprofundado e pessoal. Monográfico - Método que assume que o estudo detalhado de um caso particular pode representar outros casos similares ou uma ampla gama de casos do mesmo tipo.

Os métodos de procedimento da pesquisa científica:

têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão nos estudos dos fatos sociais (...) visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada (Gil, 2008, p.15)

Dado que esta pesquisa será predominantemente realizada utilizando o método indutivo, que naturalmente envolve o emprego de um referencial

bibliográfico, podemos declarar que nosso estudo será conduzido por meio do método monográfico, especificamente na forma de uma pesquisa bibliográfica.

3.3 Tipo de Pesquisa

Baseando-se na definição de ciência como descrito por Gil (2008), o autor identifica duas categorias principais de pesquisa: (i) a pesquisa básica – um tipo de investigação voltada para o avanço do conhecimento científico sem foco na aplicação direta dos achados, e (ii) a pesquisa aplicada – uma abordagem de pesquisa que prioriza menos o desenvolvimento teórico e mais a utilização prática dos resultados no campo de estudo. Com base nessa classificação, o autor reconhece que os pesquisadores podem engajar-se em três tipos diferentes de pesquisas: exploratórias, descritivas e explicativas. Conforme Gil (2008), a pesquisa é entendida como um processo formal e sistemático que emprega o método científico. O principal propósito da pesquisa é encontrar soluções para questões utilizando métodos científicos.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. (...) As pesquisas explicativas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (Gil, 2008, p. 27-28)

Levando em consideração as classificações conforme propostas por Gil (2008), definimos que a pesquisa desenvolvida neste trabalho é uma pesquisa aplicada e de caráter aplicado, pois buscamos, no paradigma da Leitura Fácil, encontrar indicações de como fazer textos adaptados para leitura por pessoas com deficiência intelectual.

3.4 Adaptação em Leitura Fácil do Livro *Irmão Negro*, de Walcry Carrasco

O livro *Irmão Negro*, de Walcyrr Carrasco gira em torno da questão racial, passando uma mensagem explícita sobre o antirracismo. O livro faz com que os leitores reflitam acerca das diferenças vivenciadas por tantos brasileiros nos dias atuais.

Nas palavras do próprio autor:

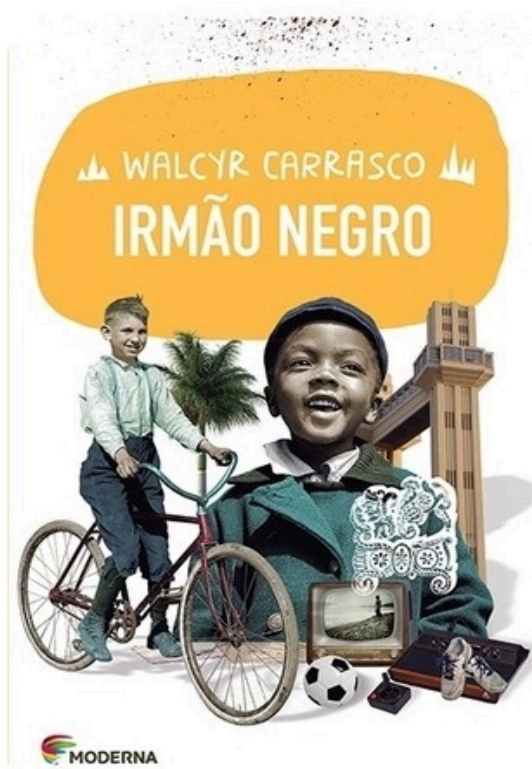
Quando resolvi escrever este livro, pensei muito sobre a questão do negro no Brasil. E cheguei a uma conclusão: o preconceito também é disfarçado porque a maior parte da população negra é pobre. Tão pobre que seus filhos têm menos acesso a escolas, universidades e cursos profissionalizantes. Ou seja: se alguém é criado na pobreza absoluta, sem estudo, dificilmente terá chance de melhorar de vida quando crescer. É um círculo vicioso. Por isso tantas crianças negras e mulatas estão nas ruas. Não que não existam meninos brancos abandonados. Mas a grande maioria que vive nas ruas é composta de negros e mulatos. Assim, o preconceito à cor se confunde também com o preconceito à pobreza. Ou você não sabia que muita gente tem preconceito contra pobres? (Carrasco, 2018, p.67)

O objetivo geral do livro é, portanto, tratar do tema do racismo e do que as pessoas ainda sofrem por questões raciais, logo a adaptação deve ter foco na intenção principal do texto original. As partes que servem para criar atmosfera contextual como personagens secundários, cenários, dentre outras características específicas do texto ficam de fora das adaptações em Leitura Fácil, sendo introduzidas quando relevantes à informação principal ou quando possível, dentro do limite de palavras esperada em cada nível.

A fim de contextualizar melhor a obra *Irmão Negro*, de Walcyrr Carrasco, transcrevemos, a seguir, o resumo apresentado no verso do livro.

Um menino sempre sonhou ter um irmão. E quando o primo órfão vem morar com ele, passa a ter um irmão negro. Será possível enfrentar o preconceito? Amar esse irmão tão diferente? Mais ainda: qual será o grande segredo que esconde o menino negro? Léo e Sérgio, dois garotos que não se conhecem. Leo, loirinho de olhos claros, vive com os pais pensando em arrumar namorada, comprar tênis novo ou dar um mergulho com amigos na piscina. Tem bicicleta, amigos, turma, futebol e escola. Tem tudo. Sua avó o chama de “mimado”. E Sérgio, tem o quê, além de um passado misterioso e o rosto negro como a noite escura? Um dia Sérgio chega de muito longe e vem para ficar! Agora, ambos serão como irmãos! E Leo deve apresentar seu novo irmão à cidade grande, que não gosta de pobres, de forasteiros, de negros” (Carrasco, 2018, n.p)

FIGURA 2 - Capa do livro original - *Irmão Negro*



Fonte: Carrasco (2018)

Visto que existem diferentes níveis de adaptação de leitura pelo método da Leitura Fácil, nossa adaptação visa atingir o que está previsto no Nível 1.

As adaptações em Nível 1 devem conter baixa complexidade semântica e sintática, além de incluir ilustrações para facilitar a compreensão do texto.

Considerando esse aspecto, a adaptação empreendida por nós do livro *Irmão Negro* foi elaborada, levando em conta os fatores prescritos por Muñoz (2012) no que tange às pautas de ortografia e de gramática. Com foco no público de pessoas com TEA, entendendo que, ao adaptarmos o material para uma versão mais acessível, todos os usuários de Leitura Fácil também podem ser beneficiados.

Cabe ainda comentar que “uma adaptação é uma recriação, mas nunca tradução, muito menos uma simples síntese ou seleção de parágrafos do original” (Muñoz, 2012, p. 25). Por conta disso, temos a ciência de que o sentido do texto permanece o mesmo do original.

Diante destas questões, para a adaptação do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco, realizamos uma série de levantamentos acerca das informações, personagens, cenários, ações, consequências e situações que estariam em primeiro

plano ou não. O intuito desta fase de levantamento de informações sobre o texto serviu para que o texto mantivesse o significado original, ao tempo em que se buscava meios de tornar sua leitura mais simples.

Durante o levantamento das informações, percebemos que o livro não tem marcação explícita de capítulos, sendo necessário fazermos a separação de cada um deles, com base no desfecho da história. Tal marcação ajuda na compreensão de partes da história, uma vez que as pessoas com TEA tendem a ter menos estereótipias quando sabem onde começar e onde terminar uma atividade (Aarons e Gittens, 2002).

O livro original possui 72 (setenta e duas) páginas, 14,609 (quatorze mil, seiscentas e nove) palavras, com momentos de cenas que apontam para quatro capítulos.

Como a divisão em capítulos não é feita explicitamente no original, houve a necessidade de divisão, a partir dos desfechos de cada cena da história para, além de facilitar a compreensão pelos potenciais leitores, podemos nos guiar no processo de adaptação. É a partir da divisão em capítulos que conseguimos aplicar as pautas de ortografia e de gramática, de acordo com a prescrição de Muñoz (2012).

A falta de divisão de capítulos em uma obra dificulta o processo de adaptação de material para pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Como não há menção em Muñoz (2012) sobre as marcações de capítulo na parte das pautas de ortografia e de gramática, acreditamos que esta possa ser mais uma pauta a ser discutida dentro das questões que tangem o âmbito linguístico.

Cada capítulo de uma obra demarca um espaço com introdução, desenvolvimento e conclusão de ações dos personagens, o que demanda esforço do leitor para construir o sentido da passagem lida. A falta desta marcação explícita seria, portanto, esforço extra para que o leitor delimite os espaços de ação da história, tarefa que não é simples para uma pessoa com TEA (Cohen e Volkmar, 1997; Aarons e Gittens, 2002; Volkmar *et al.*, 2014).

Na versão original, cada capítulo desenvolve sua ideia central de forma mais extensa, utilizando mais palavras e uma estrutura sintática mais complexa. Durante o processo de adaptação, foi fundamental manter o tema original. Assim, a escolha dos verbos foi feita com cuidado, prevalecendo o presente do indicativo (Muñoz, 2012), sem alterar a intenção comunicativa do autor.

Ao longo desta seção, apresentamos um trecho da versão original com os

comentários de pontos passíveis de adaptação, conforme as prescrições de Muñoz (2012). Em seguida, apresentamos a nossa proposta de versão adaptada, com os devidos comentários sobre o que foi adaptado e como foi feito tal processo

O primeiro capítulo do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco, possui 2.915 (duas mil, novecentas e quinze) palavras e diversos sinais de pontuação, como, por exemplo, travessões, vírgulas, dois pontos, ponto de exclamação, além de apresentar uma interjeição, como pode ser visualizado no trecho abaixo do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco (2018, p.04)

Ah, como eu queria ter um irmão! Um irmão para ser meu amigo! Para me fazer companhia. Como seria bom! Sou filho único. Ah, como um irmão me fazia falta! Quando era bem pequeno, imaginava:

— Ele vai chegar no Natal!” (Carrasco, 2018, p.04)

Nesse trecho podemos observar a existência de 40 (quarenta) palavras, o uso corriqueiro de vírgula para separar os enunciados, bem como construção sintática complexa na oração subordinada *Quando eu era pequeno, imaginava que são pontos a serem adaptados*, conforme Muñoz (2012).

A mesma informação do trecho anterior pode ser encontrada na versão adaptada em (3):

(3) *Léo é filho único. Léo deseja ter um irmão.*

Nota-se que na versão adaptada buscamos fazer as adaptações conforme as prescrições de Muñoz (2012) no que tange às pautas de ortografia e de gramática. Assim, em um trecho de 40 (quarenta) palavras, passamos a ter 9 (nove), passando a ideia principal do texto original.

No trecho original encontramos interjeições que expressam emoções, tais como *“Ah, como eu queria”, “Como seria bom!”*. Na versão adaptada, essas expressões foram retiradas, deixando apenas os fatos objetivos. Além disso, tivemos cuidado em evitar estruturas complexas, fazendo com que a leitura se torne mais fluida e fácil para os leitores. É perceptível também a repetição do nome *Léo* na posição de sujeito, o que é indicado pelo método da *Leitura Fácil para o Nível 1* (Muñoz, 2012).

No texto original notamos várias formas de repetir o desejo de ter um irmão

Ah, como eu queria; Um irmão para ser meu amigo! Como seria bom!. o que foi simplificado na versão adaptada para uma frase com a informação sendo passada explicitamente: *"Léo deseja ter um irmão."*

Este tipo de atitude frente ao texto original e em busca de uma adaptação em Nível 1 pelo método da Leitura Fácil faz com que o texto seja mais simples de ser compreendido, além de termos tido atenção para o uso de palavras frequentes na língua portuguesa.

O mesmo tipo de procedimento se deu para cada capítulo a ser adaptado, funcionando as pautas de ortografia e de gramática prescritas por Muñoz (2012) como guia de nosso trabalho.

Desta forma, chegamos ao primeiro capítulo em versão adaptada, com 90 (noventa) palavras.

CAPÍTULO 1 - Versão adaptada

Léo é filho único. Léo deseja ter um irmão. A mãe de Leo não pode ter outros filhos. Léo gosta muito de jogar vídeo game.

Léo se diverte com seus amigos. Léo sonha em ter um irmão. Léo tem um primo. O nome do primo do Léo é Sérgio.

A mãe do Sérgio morreu. Sérgio tem necessidades especiais. Sérgio mora sozinho. Sérgio precisa morar com outra pessoa.

A mãe do Léo foi buscar o Sérgio. O Sérgio começou a morar na casa do Léo. Léo considera Sérgio como um irmão.

No segundo capítulo do livro original, encontramos o total de 2.845 (duas mil, oitocentas e quarenta e cinco) palavras, sendo, na versão adaptada, constituído por 67 (sessenta e sete) palavras.

Vejamos um trecho do que nomeamos como segundo capítulo, transcrito do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco (2018, p.21).

Na hora da festa, ela nos levou de carro até o prédio em que moram as duas irmãs. É o melhor prédio do bairro. O único com playground e piscina! — Tomara que vocês se divirtam bastante! Apesar do seu jeito tranquilo, notei que continuava preocupado. Não havia nenhum negro na turma. Meus amigos gostariam do Sérgio? Mal entrei no prédio, descobri como é diferente ter um irmão preto. As

peessoas envelhecem de outro modo.

Sérgio estava mais bem-vestido que eu, com um moletom novinho! Mesmo assim, quando chamei o elevador, o porteiro avisou, olhando para ele:

— Garoto, vai pela entrada de serviço.

Sérgio mostrou aquele olhar de medo que eu já conhecia. Começou a caminhar na direção apontada.

No texto original podemos notar uma descrição detalhada do prédio por meio de trechos como *É o melhor prédio do bairro. O único com playground e piscina!*. Porém, na versão adaptada, percebemos que esta parte é irrelevante para o desfecho da história.

Como fazer adaptação pelo método da Leitura Fácil parte do pressuposto de passar a informação que o leitor não pode deixar de ter acesso (Muñoz, 2012), uma vez que todos os leitores do texto devem compreender a informação global, buscamos, em nossa versão, selecionar as partes essenciais que servem para construir a mensagem principal da obra.

Ainda no capítulo dois, encontramos frases longas e com construção sintática complexa, como *Apesar do seu jeito tranquilo, notei que continuava preocupado*. Este tipo de construção, segundo Muñoz (2012), deve ser evitada na versão adaptada, o que, a partir do contexto da obra e o desenvolver da história nos levou a adaptar a passagem acima para *Léo nota o medo de Sérgio*. Além da simplificação da informação, cabe reforçar que os sinais de pontuação foram modificados para o ponto final, por se tratar da pontuação que mais facilita a compreensão dos leitores (Muñoz, 2012)

Com estas pautas levantadas, chegamos à versão adaptada do capítulo dois.

CAPÍTULO 2 - Versão adaptada

Sérgio tem a pele negra. Os amigos do Léo não gostam do Sérgio. Sérgio sofre discriminação.

Sérgio não conta nada para Léo. Léo nota o medo de Sérgio. Sérgio sofreu muito na infância.

Léo e Sérgio foram para uma festa. Na festa, Léo apresenta Nice e Clarice para Sérgio.

Nice gosta do Sérgio. Clarice não gosta do Sérgio. Clarice não gosta de pessoas com a pele negra”.

O terceiro capítulo do texto original tem 3.503 (três mil, quinhentas e três) palavras, apresentando sinais de pontuação como travessão expresso para adicionar ideias e não somente a fala de personagens, bem como outros sinais de pontuação menos comuns, ao longo de todo o capítulo. Falas são introduzidas sem nenhum tipo de marcação, além de formas verbais no subjuntivo e construções sintáticas complexas, como orações coordenadas, como ilustrado com o trecho do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco (2018, p.27), a seguir.

— *Elas já vão descer.*

Estranhei. Normalmente, a gente se encontrava diretamente na piscina.

Esperei um pouco. Joyce e Clarice apareceram. Joyce estava toda sorridente, como se estivesse no melhor dos mundos. Clarice, completamente sem jeito.

— *Aconteceu alguma coisa? — perguntei.*

— *Ah, Leo — disse Joyce —, você nem sabe. O síndico proibiu gente de fora na piscina. Avisou minha mãe hoje cedo!*

— *É isso mesmo, Leo — continuou Clarice, em voz baixa. — Não vai dar pra você e ele nadarem aqui.*

Para a adaptação deste capítulo, precisamos selecionar a ação de cada personagem, pois muitos coexistem na cena e poderiam gerar confusão na mente de um leitor não neurotípico.

Selecionamos, então, a ação mais importante para o desfecho da história, que ocorre com as personagens *Clarice* e sua mãe.

Na versão adaptada do capítulo três, acreditamos ter passado a informação central, novamente alterando os sinais de pontuação e reduzindo ao uso de vírgulas, quando necessário, e ponto final como a marca de cada enunciado. Além disso, buscamos usar palavras frequentes, isto é, de uso comum, retirando as estruturas sintáticas complexas e usando o tempo verbal do presente do indicativo, na voz ativa, conforme prescrito por Muñoz (2012). Assim, chegamos ao terceiro capítulo da versão adaptada, com 62 (sessenta e duas) palavras, do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco.

CAPÍTULO 3 - Versão adaptada

Outro dia, Léo e Sérgio foram para a piscina. Lá, estava a Clarice e a mãe de Clarice.

A Clarice e a mãe da Clarice não gostam do Sérgio. A Clarice e a mãe da Clarice falam da cor da pele do Sérgio.

A Clarice e a mãe de Clarice não deixam o Sérgio brincar na piscina. Léo e Sérgio ficam tristes.

No último capítulo da versão original da obra *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco, encontramos 5.331 (cinco mil, trezentas e trinta e uma) palavras.

Este capítulo se torna o mais importante por conter o desfecho da obra e, assim, é imprescindível manter a essência do texto, de forma que a construção global da informação não seja afetada.

De modo geral, há construções sintáticas complexas, por ocorrência de orações coordenadas e subordinadas, uso de sinais de pontuação diverso e uso de tempos e modos verbais variáveis, o que exige fluência em leitura dos potenciais leitores do livro, como vemos no trecho a seguir de *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco (2018, p.66)

Sei que foi difícil para mim, e também para ele. Mas valeu, ah, se valeu!

Agora tenho um irmão, como sempre sonhei.

Um irmão de outra cor de pele, que me fez descobrir muitas coisas importantes.

Um irmão que está no meu coração!

Considerando as prescrições do método de Leitura Fácil (Muñoz, 2012), buscamos fazer uso de palavras frequentes, transformar as construções sintáticas em sentenças simples, repetir os nomes, em detrimento do uso de pronomes e reduzir a pontuação textual ao uso de vírgulas e ponto final. Neste capítulo, especificamente, há a cena de Clarice se desculpando com Sérgio e, para manter a essência do texto original, optamos por introduzir a fala da personagem, fazendo uso da marcação que introduz a fala pelo verbo diz seguido de dois pontos e travessão que abre espaço para a voz do personagem.

Após a aplicação das pautas de ortografia e de gramática, conforme Muñoz (2012), continuamos mapeando as informações do capítulo, simplificando aquelas que não podem faltar na construção da informação global do texto. E, assim, chegamos ao quarto capítulo que, na versão adaptada, apresenta 72 (setenta) e duas palavras.

CAPÍTULO 4 - Versão adaptada

Um dia, Clarice vê uma foto da avó da Clarice. A avó da Clarice tem a pele negra. A avó da Clarice era bonita. Clarice se parece com a avó da Clarice.

Clarice pede desculpas a Sérgio. Clarice passa a gostar de Sérgio. Clarice diz: - A cor da pele de Sérgio não importa. Clarice considera Sérgio um irmão.

Clarice diz: - O mundo é melhor se todo mundo viver como irmão.

Desta forma, chegamos à versão adaptada do livro *Irmão Negro*, de Walcyrr Carrasco, partindo de 14,609 (quatorze mil, seiscentas e nove) palavras para 289 (duzentas e oitenta e nove) palavras.

Por estarmos usando as pautas de ortografia e de gramática para uma adaptação em *Leitura Fácil*, Nível 1, e por se tratar de um exercício que merece prática, percebemos que a seleção das informações imprescindíveis gera um texto que contém menos palavras do que os que se encontram em tal nível. Para o Nível 1 em *Leitura Fácil*, espera-se que o texto tenha entre 500 (quinhentas) e 1.200 (um mil e duzentas) palavras, o que abre espaço para que informações secundárias e cenários sejam adicionados à versão adaptada.

Isto nos leva a perceber como o método da *Leitura Fácil* pode ajudar professores, pais, cuidadores e demais pessoas que lidam com o processo de leitura de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, pois as informações podem ser repassadas de maneira clara e objetiva, sem prejuízos ao que se precisa compreender do texto lido (Smith, 1988, Leffa, 1996).

Vale ressaltar que a adaptação de material para leitura pelo método da *Leitura Fácil* visa levar pessoas com TEA a desenvolverem e melhorarem suas habilidades de leitura compreensiva (Smith, 1988; Leffa, 1996; Morais, 1996), em busca da

construção de sentido contextual e discursivo (Koch, 2013; Fiorin, 2015). A intenção é facilitar o processo de leitura que se trata de uma atividade cognitiva complexa (Fregonezi, 2002; Eyesenck e Keane, 2017), com necessidade de acesso de informações na memória (Baddeley, 2017; Izquierdo, 2018), em prol da interação texto/leitor (Siqueira e Zimmer, 2006)

Em se tratando da obra *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco, uma pessoa com TEA com capacidade leitora, ao ler a versão adaptada da obra seria capaz de descrever que o livro trata de uma criança da pele negra que não é aceita pelos colegas e sofre preconceito, que seria a mesma mensagem que qualquer leitor neurotípico precisa guardar sobre a obra, uma vez compreendida.

Assim, acreditamos que o uso do método da Leitura Fácil não somente pode ser um caminho para a adaptação de material de leitura para pessoas com Transtorno do Espectro Autista, em prol de uma educação inclusiva (Neto *et al.*, 2018), como pode nos auxiliar em nosso fazer diário com estas pessoas que são cidadãos e devem ser assistidas em todos os seus direitos (Brasil, 1988)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações, na nossa sociedade, são repassadas de diversas formas, inclusive de maneira escrita, o que envolve a necessidade de leitura.

Compreendendo a leitura como uma atividade cognitiva complexa que leva à construção de sentido da informação por parte do leitor (Smith, 1988; Leffa, 1996; Morais, 1996; Fregonezi, 2002; Siqueira e Zimmer, 2006), tratamos, neste trabalho, da necessidade de adaptação de material linguístico para pessoas que se encontram no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA é clinicamente visto como um transtorno do neurodesenvolvimento (Sociedade Americana de Psiquiatria, 2018), não devendo ser visto como uma doença.

Sabemos que pessoas com autismo apresentam, durante sua vida, limitações de ordem cognitiva e/ou social, dentre as quais, dificuldades de comunicação e uso da linguagem com funcionalidade (Cohen e Volkmer, 1997; Aarons e Gittens, 2002; Volkmer *et al.*, 2014)

Considerando que a língua se estabelece na mente do indivíduo (Chomsky, 1980) e entendendo que a leitura ativa conhecimentos armazenados em nossa memória (Baddeley, 2017; Izquierdo, 2018), torna-se necessário pensar em adaptações linguísticas, contextuais e discursivas (Koch, 2013; Fiorin, 2015; Perini, 2017), em prol de que a informação seja repassada de maneira mais comum do que, em diversos casos, surge nos textos.

Por conta dessas questões, buscamos, neste trabalho, apresentar uma proposta de adaptação do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco. Fazendo uso das prescrições de adaptação por meio do método da Leitura Fácil (Muñoz, 2012), podemos, por meio de pautas que tratam sobre a escrita, a ilustração e a diagramação das obras, gerar um texto mais simples de ser compreendido.

Em se tratando de um trabalho no âmbito da leitura, o que envolve material linguístico, restringimos nossa tarefa de adaptação às questões de cunho linguístico, mais especificamente, ortografia e escrita.

A partir disso, fizemos o mapeamento da informação principal do texto e que qualquer leitor precisa saber sobre a leitura da obra, pois, segundo Muñoz (2012), a adaptação envolve o processo de descarte de algumas informações, já que a Leitura

Fácil aponta para três níveis de adaptação e, em cada nível, há quantidades indicadas de palavras que a versão deve apresentar.

Em nossa adaptação, visamos a construção de um texto em Leitura Fácil, Nível 1, isto é, a versão de leitura que envolve os mecanismos que mais facilitam a compreensão da informação global do texto e que deve conter entre 500 (quinhentas) e 1.200 (um mil e duzentas) palavras.

Após o mapeamento das informações, principal e secundárias, da análise da estrutura linguística do texto e da aplicação das pautas de ortografia e de gramática, chegamos à versão adaptada do texto com 289 (duzentas e oitenta e nove) palavras.

Percebemos que, por termos feito a adaptação somente da informação global, descartando, ao máximo possível, informações secundárias que não interferem diretamente no desfecho da história, obtivemos um texto menor, em quantidade de palavras, do que o esperado para o Nível 1 em Leitura Fácil (Muñoz, 2012).

Isto nos mostra o quanto é possível de fazer adaptação de material para leitura para pessoas com TEA e quaisquer outros indivíduos que se encontrem dentro do grupo de usuários de Leitura Fácil, conforme Muñoz (2012)

Percebemos que informações adicionais que podem não somente enriquecer o texto como ajudar aos leitores a construir outros sentidos da história podem ser adicionados em um potencial versão a ser publicada de nossa adaptação do livro *Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco.

Além disso, notamos que questões como a falta de demarcação explícita de capítulos em uma obra atrapalha o processo de adaptação do material de leitura. Também percebemos que, em se tratando de língua portuguesa, há questões que precisam ser discutidas em pesquisas futuras, como a frequência das palavras a serem usadas no texto, já que há indicação de uso de palavras comuns nos três níveis em leitura fácil, e discussão sobre como pessoas com TEA processam as estruturas sintáticas complexas - orações coordenadas e subordinadas.

Desta forma, acreditamos que ao apresentarmos os caminhos para a adaptação de material de leitura para pessoas no Transtorno do Espectro Autista (TEA) estamos contribuindo não somente para uma educação mais inclusiva (Neto *et al.*, 2018), mas também para que estas pessoas tenham seus direitos de acesso à

informação, à educação e ao convívio social, partilhado por meio da escrita, garantidos (Brasil, 1988)

REFERÊNCIAS

- AARONS, Maureen; GITTENS, Tessa. **The handbook of autism: a guide for parents and professionals**. Routledge, 2002.
- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura, teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES (Washington). **Definición de discapacidad intelectual** <<https://www.aaidd.org/intellectual-disability/historical-context>> Acesso em 15.mar.2025.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 1 jan. 2017.
- BADDELEY, Alan. **Exploring working memory: Selected works of Alan Baddeley**. Routledge, 2017.
- BARTLETT, Frederic Charles. **Remembering: A study in experimental and social psychology**. Cambridge university press, 1995.
- COHEN, Donald J.; VOLKMAR, Fred R. **Handbook of autism and pervasive developmental disorders**. John Wiley & Sons, Inc., 1997.
- EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark T. **Manual de Psicologia Cognitiva**. Artmed Editora, 2017.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015,
- FREGONEZI, Durvali Emilio. **A formação do leitor: objetivos e estratégias de leitura**. 2002.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Artmed Editora, 2018.
- KATO, Mary A. **No mundo da escrita - Uma perspectiva psicológica**. São Paulo: Ática, 2010.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **O texto e a construção de sentido**. 10. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura**. Sagra, 1996.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- MUÑOZ, Óscar García. **Lectura fácil: métodos de redacción y evaluación**. Real patronato sobre discapacidad, 2012.
- NETO, Antenor de Oliveira Silva et al. **Educação inclusiva: uma escola para todos**. Revista Educação Especial, v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018.

PIAGET, Jean. **O Desenvolvimento do Pensamento - Equilíbrio das estruturas cognitivas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques; ROSSATO, Geovanio. **Psicologia do desenvolvimento**. 1. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2024.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Editora Vozes Limitada, 2017.

RAYNER, Keith. **Understanding eye movements in reading**. *Scientific Studies of Reading*, v. 1, n. 4, p. 317-339, 1997.

SIQUEIRA, Maity Simone Guerreiro; ZIMMER, Márcia C. **Aspectos lingüísticos e cognitivos da leitura**. *Revista de Letras: Fortaleza*. Fortaleza. Vol. 28, n. 1/2 (jan./dez. 2006), p. 33-38, 2006.

SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles; NATION, Kate (Ed.). **The science of reading: A handbook**. John Wiley & Sons, 2022.

VOLKMAR, Fred R. et al. (Ed.). **Handbook of autism and pervasive developmental disorders, volume 1: diagnosis, development, and brain mechanisms**. John Wiley & Sons, 2014.